

Cascatas de modernidade em um lago aparentemente imóvel: Imagens de Ciência e Tecnologia, do Futurismo ao Presentismo

*Modernity waterfalls on a seemingly still lake:
Images of Science and Technology, from Futurism
to Presentism*

Phellipy Pereira Jácome

Doutor em Comunicação Social pela UFMG, com estágio doutoral na University of Illinois at Urbana-Champaign. Mestre e bacharel em Comunicação (habilitação Jornalismo) pela mesma instituição. Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: narrativa e experiência. E-mail: phellipyjacome@gmail.com.

Verônica Soares da Costa

Doutoranda em Textualidades Midiáticas pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UFJF e Mestre em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV. Atua no Programa de Comunicação Científica, Tecnológica e de Inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (PCCT/Fapemig). E-mail: ve.scosta@gmail.com.

PERSPECTIVA

RESUMO

Neste artigo, imagens de ciência e tecnologia são locais privilegiados de observação das distintas articulações entre passado-presente-futuro. Para isso, partimos do Futurismo para entender a hipótese de presentismo proposta por Hartog (2013). Nesse regime de historicidade específico, vislumbra-se uma espécie de interrupção do fluxo temporal em um presente que não foi capaz de absorver outras temporalidades. Como consequência, a experiência imagética funcionaria como índice de um jogo paralisante, no qual o passado vivido não é encarado e o horizonte futuro aparece como aterrorizante. Assim, nos perguntamos quais os sintomas dessa crise do tempo na produção de imagens sobre a ciência. Por fim, recorreremos à historiografia para reivindicar a abertura do passado e dos modos de pensar o futuro como formas de expandir o espaço de experiência e propor um horizonte de expectativas mais determinado pela contingência histórica, capaz de produzir imagens do presente mais inclusivas e dinâmicas.

PALAVRAS-CHAVE: *Presentismo, historicidade, temporalidade, imagens.*

ABSTRACT

In this article, images of science and technology are privileged places to observe different articulations between past-present-future. From Futurism, we come to understand Hartog's hypothesis of Presentism (2013). In this specific regime of historicity, one can identify the interruption of the temporal flow in a present that is not able to absorb other temporalities. Therefore, the imaginary experience would function as the index of a paralyzing game in which the past is not faced and the future horizon is terrifying. Thus, we ask ourselves what are the symptoms of this crisis of time in the production of images about science and technology. Finally, we turn to historiography to claim the opening of the past and ways of thinking the future an expanding space of experience, and propose a horizon of expectations more determined by historical contingency, capable of producing more inclusive and dynamic images of the present.

KEYWORDS: *Presentism, historicity, temporality, images.*

Introdução

Em 20 de fevereiro de 1909, a capa do jornal francês *Le Figaro* trazia o *Manifesto Futurista*, assinado por Filippo Tommaso Marinetti, escritor e poeta italiano¹. O texto pretendia anunciar uma nova concepção estética, explicitada em onze pontos, nos quais eram exaltados a vida acelerada e o progresso, ao passo que era refutado qualquer laço de pertencimento ou reconhecimento com o passado. Sobre esse tema, assim diz uma de suas passagens mais conhecidas:

Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com o seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia. (Marinetti, 1909, p.1).

O que temos nesse trecho é a proposição do tempo como uma flecha veloz rumo ao futuro, no qual os objetos de mobilidade seriam mais interessantes ou belos do que esculturas, pinturas e peças clássicas. De fato, a representação da mobilidade está presente em muitas obras futuristas, como nas pinturas de Giacomo Balla, Fortunato Depero ou Ivo Pannaggi. À época, vários jornais brasileiros destacaram o *Manifesto*, que enaltecia a velocidade e os novos ícones da sociedade moderna. Em *O Paiz*, o movimento originado na revista italiana *Poesia* foi explicado como uma nova escola filosófica, que condenava a tradição e o culto ao passado, alcançando grande êxito no mundo saxão. Segundo o jornal, Marinetti estava “conquistando Paris” e, na formulação do seu manifesto, declarava que admirar um quadro antigo seria o equivalente a derramar nossa sensibilidade em uma urna funerária, “em vez de lançar para frente, em jatos violentos de criação e ação” (Paiz, 1909, p.4). Propunha-se, então, a colocar fogo em bibliotecas e museus, encarados como cemitérios. Diante disso, *O Paiz* afirmava, ainda, que o Futurismo seria a derrota violenta do que se conquistou para facilitar e apressar conquistas novas. Ao final do texto, questionava: “é claro que há coragem e audácia nesse primeiro ímpeto; falta ver até onde irá o futurismo” (Paiz, 1909, p.4).

Também a edição de 25 de novembro de 1909 do *Jornal do Recife* tratou do *Manifesto*: “Os futuristas querem a remodelação social por meio da força, da energia, da destruição, da velocidade, da temeridade/ Procuram tudo apagar a modo que o porvir não entenda o passado” (J.Recife, 1909,

1 Por muitos considerado “a alma do movimento futurista”, Marinetti defendia sua estética de forma insistente e agressiva, e foi propulsor da vanguarda futurista em diversos países. Mais informações em: <<http://modernismo.pt/index.php/filippo-tommaso-marinetti-1876-1944>>. Acesso em 29 mai. 2017.

p.1). E, confiante na crença de que o progresso nos estaria levando a um lugar melhor em diferentes *fronts*, o diário completava que “[c]omo quer que seja o certo, é que a sociedade caminha a um ideal de perfectabilidade sonhado aqui nos credos bibliotecos de /Ruskin e de Tolstói, ali no estado de natureza de Rousseau e acolá no socialismo revolucionário de Karl Marx e Kropotkin” (J.Recife, 1909, p.1).

Como pudemos perceber, imagens daquele presente no início do século XX dão conta de uma aceleração e de um profundo desejo de futuro. Para Hans Gumbrecht (1998), as duas primeiras décadas do século passado podem ser consideradas como o “alto modernismo”, momento em que as diversas vanguardas artísticas se projetavam no horizonte temporal com uma confiança em desempenhar a missão histórica de serem revolucionárias e inovadoras como nunca antes. Esse período, não por acaso, é marcado também pela popularização de diversas invenções, como o cinema, a fotografia, o rádio e o automóvel. Como consequências dessas novidades tecnológicas, são fortes as imagens de velocidade, numa sensação de permanente ruptura com o passado e na busca incessante por um futuro acessível e próspero.

Longe de ser um sintoma exclusivo da virada do século, essa reflexão sobre o presente é, ainda que não homogênea, tipicamente moderna. Assim, ressalta Gumbrecht, quem opera com os conceitos de modernidade/modernização e progresso na cultura ocidental, e está interessado em discutir a identidade do próprio presente histórico, não deve desconsiderar a sobreposição “desordenada” desses conceitos. Como “cascatas”, diferentes projetos de modernidade parecem seguir um ao outro de maneira rápida, mas também se inter cruzam e se interferem, o que torna complexa a compreensão de suas dimensões simultâneas. Essas formulações modernas, ainda que contraditórias, guardam consigo muitas semelhanças, sobretudo numa visada ocidental de imaginar as relações temporais.

Um tempo novo, acelerado

Reinhart Koselleck (2006, 2014), por exemplo, aponta uma modificação significativa da própria percepção que temos da história e de sua relação temporal, na medida em que, para o autor, a modernidade conseguiu transformar histórias como exemplos a serem seguidos em um todo constitutivo, capaz de propor uma unificação para toda a humanidade e, conseqüentemente, de gerar um conhecimento e uma filosofia da própria história em si. Isto é, o que antes era percebido como sendo uma adição de múltiplas histórias (a história do Peloponeso, a história da conquista romana, a história da travessia do Rubicão...) passa a ser entendido como uma coletividade temporalmente interconectada. Desde a

segunda metade do século XVIII, aponta o autor, acumulam-se indícios que indicam enfaticamente um “novo tempo”. Nesse momento, o tempo passa a ser não apenas a forma em que todas as histórias se desenrolam; ele próprio adquire uma qualidade histórica.

A história, por isso, passa a ser vislumbrada como uma realização não apenas *no* tempo, mas *através* dele, que se dinamiza como uma força da própria história. Mas essa nova fórmula da experiência pressupõe também um novo conceito de história, a sabê-lo, como singular coletivo, que, a partir do fim do século XVIII, pôde ser concebida como história em si, sem um objeto a ela coordenado ou um sujeito pré-ordenado (Koselleck, 2006, p.282). Nesse ponto, a própria história ocidental começa a ser imaginada como história do tempo. Essa temporalização moderna confere ao passado uma qualidade de história universal e, com isso, “a novidade de uma história que, cada vez que se produz, pensa em si mesma como nova e reivindica um direito sempre crescente sobre o conjunto da história” (Ibidem, p. 287).

Segundo Koselleck, isso tende a gerar um fosso entre a experiência anterior (configurada como um espaço de experiência) e a expectativa do que há por vir (vislumbrado como um horizonte de expectativa), fazendo crescer a diferença entre passado e futuro, tendo em vista que o presente, a época em que se vive, passaria a ser experimentada como um tempo de constante ruptura, permeado por acontecimentos novos e inesperados. Diferentemente do tempo cíclico, a humanidade — como uma categoria ocidental moderna — passa, portanto, a estar incluída numa linha temporal vislumbrada como única, o que permite deduzir aquilo de que se teve experiência, bem como projetar, em um horizonte móvel, aquilo que se espera.

A modernidade foi capaz de gestar, por isso, uma idealização temporal que propõe uma sincronia a diferentes fenômenos, colocando-os numa mesma base comparativa e que permite, por exemplo, categorizar “desenvolvidos” (os modernos) e “arcaicos” ou “em desenvolvimento” (os pré-modernos). Essa simultaneidade do assincrônico, defende Koselleck, autoriza pensar que o estágio técnico-industrial já alcançado pelos países desenvolvidos poderia ser, no futuro, alcançado pelos menos desenvolvidos. Como consequência compulsória do pensamento moderno, surge a percepção de um atraso, que só poderia ser recuperado por meio de uma aceleração ainda mais robusta. Por isso, “apresenta-se nela um entrelaçamento de experiência e expectativa, cuja diferença mantém o desafio de ser superada de modo acelerado. A experiência destes é a expectativa daqueles” (Koselleck, 2014, p. 163).

Nessa nova forma de enxergar as relações temporais, são constantes as imagens de aceleração, de ruptura com o passado (considerado arcaico) e da necessidade de progresso como força mobilizadora do presente. Por isso, ressalta Gumbrecht, é que a modernidade tem designado uma espécie de distinção entre o presente e o anterior na história das instituições. Além dessa constatação, podemos incluir ainda uma projeção de futuro capaz de suplantar tanto o presente quanto o passado, no qual o Futurismo de Marinetti pode ser considerado como a sedimentação mais hiperbólica desses ideais no campo artístico. Entretanto, longe de ser um elemento pacificador, a modernidade diz sobre diversos projetos autônomos reunidos em um mesmo esquema temporal, muitas vezes, difuso:

A descoberta do 'novo mundo', a imprensa, são movimentos de mudança que criaram a expressão 'deixar para trás' e uma nova forma de subjetivação caracterizada pela crença profunda do observador de primeira ordem e pelo tempo como fator absoluto de mudanças. (Gumbrecht, 1998, pp.9-10)

A experiência moderna, no entanto, como um projeto linear, foi deixando muita gente e projetos inconclusos "para trás", além de não ter sido capaz de absorver outras formas de considerar o tempo e de fazer concordar passado-presente-futuro. Como consequência, a primazia do homem ocidental como um agente capaz de gerir a "própria história" é uma crença bastante abalada ao longo do século XX e ainda mais problemática na passagem para o século XXI.

Presentismo como crise do tempo

Nessa perspectiva, é como um ano "miraculoso" que Bruno Latour identifica 1989, marcado pela queda do muro de Berlim e símbolo do que seria o fim do socialismo. Todas as datas são convencionais, aponta o autor, mas talvez esse marco seja menos convencional que outros. Isso porque, apesar do colapso da União Soviética, o discurso triunfador do liberalismo durou pouco. Em várias cidades aconteceram, no mesmo 1989, as primeiras conferências sobre o estado ambiental do planeta, o que simboliza também a incapacidade do capitalismo e de sua proposição de uma conquista ilimitada e de dominação completa sobre a natureza (Latour, 1994, p.14).

A crise que se sedimenta de maneira simbólica em 1989 é resultado também de uma forte descrença no projeto de um progresso que nos estaria levando a um lugar melhor, tendo em vista as guerras, os governos totalitários, a intolerância, a fome, os desastres ambientais. Assim, ao invés de "deixar para trás" o passado e seguir sempre adiante, o homem que antes acreditava ser agente de seu tempo e

da própria história percebe-se como um sujeito passivo de certa aceleração política, econômica, técnica e científica sobre a qual parece ter perdido o controle. Como consequência, a crença na modernização:

[...] hoje não soa muito bem nem na arte, nem na economia, nem na política, nem na ciência, nem na técnica. Nas galerias de arte, assim como nas salas de concertos, ao longo das fachadas dos imóveis assim como nos institutos de desenvolvimento, é possível sentir que o espírito da coisa não está mais presente. A vontade de ser moderno parece hesitante, algumas vezes até fora de moda. (Ibidem, p.15).

Não por acaso, em 2003, quase um século depois da publicação do *Manifesto Futurista* de Marinetti, François Hartog traz outro diagnóstico para as relações temporais, segundo o qual, na atualidade, “reina por toda parte uma extrema dificuldade de enxergar além. Mais se reage do que se age” (Hartog, 2013, p. 10). Assim, se para os modernos o horizonte era o único caminho possível, contemporaneamente, nos vemos encarando projetos nos quais o futuro surge como uma ameaça, o que parece ser fruto de uma nova percepção do passado e do presente, como se o presente deixasse de ser um tempo em constante ruptura, e passasse a ser um tempo estático. Já a experiência assume-se como um jogo paralisante, no qual o passado vivido não é encarado e o horizonte futuro parece aterrorizante.

É assim que, para Hartog, configura-se um presente absoluto que caracterizaria o atual regime de historicidade. Um regime de historicidade, postula o autor, é uma maneira específica de engendrar passado, presente e futuro, que diz sobre percepções sociais em relação ao tempo. Para ele, a Berlim de 1989 é a cidade dos regimes de historicidade por excelência, laboratório vivo para historiadores, jornalistas, escritores, arquitetos e toda sorte de pessoas interessadas nas discussões em torno do tema da memória:

[...] pois, lá mais do que em outros lugares, o tempo era um problema, visível, tangível, ineludível. Que relações manter com o passado, os passados certamente, mas também, e muito, com o futuro? Sem esquecer o presente ou, inversamente, correndo o risco de nada ver além dele: como, no sentido próprio da palavra, habitá-lo? O que destruir, o que conservar, o que reconstruir, o que construir, e como? Decisões e ações que implicam uma relação explícita com o tempo, que salta aos olhos a ponto de não se querer ver? De ambos os lados de um muro, que se tomaria pouco a pouco um muro de tempo, tentou-se de início apagar o passado. (Ibidem, p. 30).

A memória, nesse contexto, manifestou-se na criação de museus, monumentos, narrativas biográficas, artísticas e políticas. Tal onda memorialística, a partir dos anos 1980, mobilizou estudos e reflexões também acerca do patrimônio, que deveria ser protegido, repertoriado, valorizado e “requalificado”. Essas ondas memoriais, segundo Hartog, “acabaram unindo e agitando intensamente

as sociedades contemporâneas. O passado não havia 'passado' e, na segunda ou terceira geração, ele estava sendo questionado" (2013, p. 25). A esse diagnóstico, Hartog dá o nome de "presentismo", na medida em que identifica uma constante sensação de crise, de um presente que se configura como onipresente e onipotente, impondo um horizonte que tende a valorizar o imediatismo, apropriando-se do passado como monumento estabilizado, a serviço do próprio presente.

Em sua proposição, Hartog observou o rápido crescimento da categoria do presente, em um horizonte que tende a valorizar o imediatismo, suplantando um ideal de progresso anteriormente reconhecido. O ineditismo é capturado na atualidade em imagens do presente que dizem de um diagnóstico do movimento temporal e suas implicações de esvaziamento de possibilidades, de um futuro em crise, a partir de um presente em crise. Esse presente dominante, podemos inferir, é também representado na televisão, na literatura, no cinema e nas ciências, em imagens que nos dizem de um futuro que parece muito próximo de um passado que não se quer encarar.

Há, portanto, uma espécie de achatamento dessas dimensões temporais. Séries televisuais como *Black Mirror* (2011)², *Westworld* (2016)³, *The Walking Dead* (2010)⁴, *The Refugees* (2014)⁵ e *3%* (2016)⁶, como exemplos entre muitos outros, tratam de um porvir no qual a humanidade se confronta com consequências desastrosas do sonho da modernidade, em que a tecnologia onipresente é testemunha de um progresso fracassado. Clássicos como *1984* e *a Revolução dos Bichos*, de George Orwell, voltam ao topo da lista de livros mais vendidos⁷ após a eleição de Donald Trump para a presidência da maior potência mundial. Gigantes da tecnologia como *Google* e *Facebook* dominam as relações sociais digitais e a circulação de informações na web, e seus idealizadores já falam de um mundo em que a inteligência artificial superará a capacidade intelectual humana.⁸

2 Série de ficção científica que explora um futuro próximo onde a natureza humana e a tecnologia de ponta entram em conflito. Mais informações em: <<http://www.imdb.com/title/tt2085059/>>. Acesso em 7 jun. 2017.

3 Série de ficção ambientada em um parque de diversões futurista que permite a seus visitantes viverem fantasias por meio de uma consciência artificial. Mais informações em: <<http://www.imdb.com/title/tt0475784/>>. Acesso em 7 jun. 2017.

4 Série televisiva baseada em HQs homônimas, que narram a jornada do xerife Rick Grimes após acordar de um coma e se descobrir em um mundo em ruínas habitado por zumbis e poucos sobreviventes humanos. Mais informações em: <http://www.imdb.com/title/tt1520211/>. Acesso em 8 jun. 2017.

5 A série retrata a humanidade sofrendo o maior êxodo da história: três bilhões de pessoas do futuro viajam para o presente para escapar de um desastre global iminente. Mais informações em: <<http://www.imdb.com/title/tt4011172/>>. Acesso em 8 jun. 2017.

6 Série de ficção brasileira ambientada em um mundo dividido entre o progresso e a devastação, onde as pessoas têm a chance de chegar ao "lado melhor", mas apenas 3% dos candidatos conseguem. Mais informações em: <<http://www.imdb.com/title/tt4922804/>>. Acesso em 7 jun. 2017.

7 "George Orwell's '1984' is suddenly a best seller". Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/01/25/books/1984-george-orwell-donald-trump.html?_r=0>. Acesso em 4 jun. 2017.

8 "The dawn of the singularity". Disponível em: <<https://futurism.com/images/the-dawn-of-the-singularity>>. Acesso em 4 jun. 2017.

Mesmo na literatura, Antônio Cândido, em 1989, já apontava para uma modificação substantiva nos projetos de futuro desenrolados em diferentes obras latino-americanas. Inspirado pelos estudos de Mário Vieira de Mello, Cândido afirma em *Literatura e subdesenvolvimento* que até a década de 1930, predominava em nosso subcontinente a noção de “país novo”, cheio de possibilidades e na crença do progresso futuro. Entretanto, com o passar dos anos, passou a predominar a ideia de “país subdesenvolvido”. No primeiro caso, “salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra” (Cândido, 1989, p.140).

Em poemas tardios de Carlos Drummond de Andrade, é possível perceber uma grande diferença em relação às pinturas futuristas de Ivo Pannaggi, por exemplo. O pintor em “Trem em movimento” (1922) destacava a plasticidade e a leveza da velocidade das locomotivas, exaltando sua aceleração. Já em “O maior trem do mundo” (1988), Drummond denuncia a exploração mineral e o trem surge como um índice da destruição da memória, dos afetos e da própria terra. Assim, o poeta faz um diagnóstico de futuro bastante perturbador “lá vai o trem maior do mundo/ Vai serpenteando, vai sumindo/ E um dia, eu sei não voltará/ Pois nem terra nem coração existem mais” (Andrade, 1991, p.23). Assim, podemos afirmar que se a ficção recente propõe um futuro sombrio, é porque a experimentação da modernidade nos direciona mais para o pensamento de suas falhas do que para seus acertos. A utopia dá, então, lugar à distopia não porque foi decretado o fim dos mundos utópicos, mas porque passa-se a reconhecer certa incapacidade de pensar o conhecimento futuro como progresso. Mas o que nos dizem essas imagens do presente e como suas manifestações são índices das formas contemporâneas de experiências temporais?

É nessa perspectiva que Hartog retoma Koselleck para ressaltar que sua formulação do regime de historicidade diz àquilo que o historiador alemão postulava sobre a tensão entre horizonte de expectativa e espaço de experiência que, na experiência moderna, se caracteriza por uma assimetria crescente sob o prisma da aceleração. Entretanto, ao retomar as narrativas do século XX, com ênfase especial no ano de 1989 e na queda do muro de Berlin, Hartog chama a atenção para o desenrolar da crise das grandes narrativas, que fez com que o progresso tão imaginado e desejado pelos projetos modernos se tornasse uma impossibilidade. Como consequência, vemos uma distância que se tornou máxima entre o campo da expectativa e o da experiência, até o limiar da ruptura.

Tudo se passa como se não houvesse nada mais do que o presente, espécie de

vasta extensão de água agitada por um incessante marulho. É conveniente então falar de fim ou de saída dos tempos modernos, isto é, dessa estrutura temporal particular ou do regime moderno de historicidade? Ainda não sabemos. De crise, certamente. É esse momento e essa experiência contemporânea do tempo que designo presentismo. (Hartog, 2013, p. 39-40)

Estaríamos enfrentando, portanto, uma “crise do tempo”. É como se as cascatas de modernidade propostas por Gumbrecht tivessem desembocado e se estancado em um imenso lago, aparentemente, imóvel. Suas margens circulares correspondem, assim, a um futuro ameaçador, distópico e, ao mesmo tempo, a um passado traumático, que cobra ser relido e revisitado. Que imagens advêm dessa crise? Como ela está articulada às formas de percepção do conhecimento científico e que novas imagens elas criam? Essas são algumas questões que pretendemos, neste ponto, analisar, baseados no diagnóstico do presentismo.

Passado e futuro: imagens do presente da ciência e tecnologia

A ideia de progresso permeia a ciência desde antes da era moderna. Conforme pontuam Braga *et al.* (2011), embora a historiografia tradicional considere o século XVII o divisor de águas entre a velha filosofia escolástica e a ciência moderna, pode-se afirmar que já nos anos finais da Idade Média as metodologias de trabalho desenvolvidas por engenheiros para a construção de igrejas, por exemplo, levaram a um rápido desenvolvimento técnico e encaminharam um novo ideal científico. A abordagem procura mostrar que os ditos modernos herdaram vasto caminho já pavimentado pelos medievais, superando também um conceito de ciência pautado por saltos temporais e evolutivos (Braga *et al.*, 2011, p. 90).

Outro fator decisivo na construção do imaginário científico é a relação homem-natureza e homem-máquina. Se a partir do século XII os saberes passaram a despertar grande interesse pelos estudos da natureza e suas relações místicas com o divino, do século XV em diante o intenso convívio do homem com uma nova realidade permeada por máquinas fez com que a própria concepção de natureza se alterasse. “Os moinhos movidos a água ou vento tornaram-se parte imprescindível do dia a dia. A precisão dos relógios substituiu o movimento diário do Sol, trazendo uma nova forma de se relacionar com o tempo” (Ibidem, p. 14). Tal perspectiva da tecnologia, muito anterior aos *gadgets* e eletrônicos do século XXI, compreende uma ampla gama de criações e invenções que visaram ao desenvolvimento de novas habilidades humanas, maior e melhor produtividade, rapidez e superação dos limites que, supostamente, impediam o progresso da humanidade.

O que chamamos de “ciência moderna” é, portanto, fruto de movimentos do tempo e de diferentes concepções do Universo que se constituem como aparentes contradições. O pensamento mecanicista, por exemplo, pautava-se pelo argumento de que a compreensão do todo poderia ser feita pelos estudos das partes — ignorando que as interações entre elas são sempre mais complexas e esclarecedoras nos processos de saber. O corpo humano foi estudado como máquina, a partir do século XVI, em experimentos que buscavam a consolidação de um modo de saber que prezava pela obtenção da verdade, “em que a linguagem matemática e a experimentação se apresentaram como critérios demarcadores, [em que] passou a ser construída uma nova concepção de natureza” (Ibidem, 2010, p. 123) — concepção dada única e exclusivamente na razão pura. A “Aula de Anatomia do Dr. Tulp”, uma das obras mais famosas e revolucionárias de Rembrandt, de 1632, retrata como “estas aulas de Anatomia eram simultaneamente uma oportunidade para sublinhar o poder mágico do médico aliado aos seus conhecimentos técnicos” (Nabais, 2008-2009). A pintura tem caráter inaugural, quando comparada com outros trabalhos do mesmo gênero produzidos à época, embora não tenha sido a primeira imagem de dissecação de cadáveres produzida.

Braga *et al* (2011) também pontuam que, a partir do século XIX, com o advento da industrialização como forma de organizar o trabalho, a ciência e a técnica fundiram-se de forma inédita e o tempo que separava teoria e prática encolheu vertiginosamente, alterando os pressupostos do fazer científico e o próprio conceito de tecnologia e inovação. Se esse desenvolvimento técnico passou a cristalizar um enorme sentimento de esperança, que se manifestou em toda a filosofia modernista nas máquinas como chave para a construção de um futuro melhor, a segunda metade do século XX passou a encarar o fato de que os principais problemas que afligiam a humanidade nem sempre poderiam ser resolvidos pela ciência e pelo desenvolvimento tecnológico. O filme *Tempos Modernos* (1936) talvez seja um dos mais icônicos produtos sobre a nefasta relação homem-máquina e as promessas modernistas.

Já em 1979, Lyotard discutiu os pressupostos que anunciavam uma transformação radical no conceito do saber e na definição das ciências do século XX. A hipótese era de que “o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. Essa passagem começou desde pelo menos o final dos anos 50, marcando para a Europa o fim de sua reconstrução” (Lyotard, 2002, p. 3). Nessa transformação temporal, a natureza do saber não permanece intacta e o conhecimento passa a ser traduzido em quantidades de informação:

Pode-se então prever que tudo o que no saber constituído não é traduzível será abandonado, e que a orientação das novas pesquisas se subordinará à condição de tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de máquina. (...) Com a hegemonia da informática, impõe-se uma certa lógica e, por conseguinte, um conjunto de prescrições que versam sobre os enunciados aceitos como “de saber” (Ibidem, p. 4).

Muito antes da popularização da internet, portanto, a ciência e a tecnologia passaram a ser traduzidas em unidades mecânicas e informáticas, e a relação dos indivíduos com o conhecimento assumiu-se como um tratado comercial, entre produtores e consumidores. Nessa nova era, “o saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim” (Ibidem, p. 5). Tal mudança converge para um modelo em que a ciência assume *status* de mercadoria, em um reforço do princípio “segundo o qual a sociedade não existe e não progride a não ser que as mensagens que nela circulem sejam ricas em informação e fáceis de decodificar” (Ibidem, p. 6).

A partir de então, o que se observa, de modo geral, nas narrativas científicas e nas imagens da ciência e da tecnologia, é que elas se prestam ao presentismo. Nas práticas de representação da ciência no jornalismo, por exemplo, é a tendência ao ineditismo que impera, de maneira muito próxima à discussão empreendida por Hartog. É claro que não se pode ignorar a mediação e o *modus operandi* do fazer jornalístico na divulgação dessas descobertas, mas o que queremos apontar é que essa ciência como valor de mercado opera em um movimento bastante semelhante ao do fechamento do passado histórico que não se quer encarar: se a ciência só se faz conhecer a partir de seus produtos, ela não é entendida como processo que se afeta pelo devir da história.

Assim, a cada ano, as listas de maiores descobertas científicas⁹ se multiplicam e incluem acontecimentos cada vez mais pontuais, recontados como eventos únicos, desprovidos de antes e depois, que só têm validade no agora e, depois, caem no esquecimento. O registro das ondas gravitacionais,¹⁰ por exemplo, previstas por Einstein e detectadas pela primeira vez em 2016, inaugura uma “nova era” para a astronomia, sem que as implicações do processo histórico no desenvolvimento científico entrem em pauta. Outro exemplo recente, a descoberta de fósseis no Marrocos que indicam que o *Homo Sapiens*

9 “18 fatos científicos descobertos neste ano que você precisa conhecer”. Disponível em: <<http://revistagalileo.globo.com/Ciencia/noticia/2017/05/18-fatos-cientificos-descobertos-neste-ano-que-voce-precisa-conhecer.html>>. Acesso em 8 jun. 2017.

10 Registro de ondas previstas por Einstein abre caminho para uma nova era da astronomia”. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-40130817>>. Acesso em 8 jun. 2017.

teria surgido 100 mil anos antes do que se imaginava¹¹, também opera na lógica do ineditismo e da novidade, sem que o processo e os percalços do fazer científico se façam conhecer.

Conforme Ribeiro (2012), isso acontece porque a ciência, no imaginário midiático, ocupa lugar privilegiado “como critério de verdade para práticas, valores e concepções da realidade” (p. 93), ou seja, como fonte de validação e eixo de poder que se basta em si mesma. A autora destaca que essas imagens e os sujeitos do presente se constituem mutuamente, nos limites de um tempo histórico, mas em uma relação de forças desigual. Tal fato leva à formação de “imaginários ancorados em modelos produzidos articuladamente pelos diversos sistemas de comunicação e que tendem a generalizar consensos sobre tematizações levadas à esfera pública midiática” (Ribeiro, 2012, p. 95).

As imagens de cientistas como homens brancos, usando jalecos em laboratórios com vidros e líquidos coloridos talvez seja o exemplo mais forte dentre essas construções imagéticas consolidadas midiaticamente. Tão forte, que o próprio jornalismo se utiliza de tal imaginário para reforçar sua potência mediadora como fonte de validação da verdade, conforme o exemplo abaixo, que pretende autoexplicar a reforma da *Folha de S. Paulo*, em 1975:

São quase 300 pessoas de ambos os sexos, a grande maioria jovens por volta dos 20 anos, todos com aventais brancos ou azuis. O ambiente asséptico lembra uma enorme sala de cirurgia, comparação que é reforçada pelos estranhos bisturis de cabos amarelos que os de avental branco empunham. Amplos espaços intensamente iluminados. Temperatura constante e agradável. Enigmáticas máquinas elétricas que desafiam a imaginação dos que não as conhecem. Um mundo de fitas perfuradas e fotocomponedoras, que inevitavelmente evoca a lembrança de alguma cena de filme ou passagem de livro de ficção científica. O mundo do jornal do futuro, que na Folha já é presente. (Folha, 1974, p.4).

Nessa busca por validação, Ribeiro retoma Giddens (1992 apud Ribeiro, 2012, p. 97), para reforçar que “o conhecimento científico tem substituído a tradição no movimento de busca dos indivíduos por fontes de segurança ontológica” (Ibidem). Em uma era marcada pela insegurança e pela ruptura com as estruturas tradicionais, esse movimento se dá não em um sentido de superação e avanço, como propôs o Futurismo, mas em um sentido de apropriação do passado como monumento estabilizado, a serviço do próprio presente. Um bom exemplo é *The Singularity is Near* (2005), do inventor e futurista Ray Kurzweil, lançado como uma atualização dos livros anteriores *The Age of Spiritual Machines* (1999) e *The Age of*

11 “Fósseis em Marrocos apontam que Homo Sapiens surgiu 100 mil anos antes”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/06/1891003-fosseis-mais-antigos-do-homo-sapiens-sao-achados-no-marrocos.shtml>>. Acesso em 8 jun. 2017.

Intelligent Machines (1990). A obra examina os passos no processo da união de humanos e máquinas e prevê o surgimento de uma nova civilização, na qual o homem transcende habilidades biológicas graças à grande capacidade maquínica de velocidade e capacidade de compartilhamento de conhecimento.

Como proposta de reinvenção do Futurismo de Marinetti, a obra e o autor encaram, no entanto, um novo tempo e uma nova perspectiva de futuro, em que o progresso já não se concretiza como avanço. Ainda assim, as previsões¹² compiladas desde a década de 1990 por Kurzweil, que atualmente ocupa cargo de direção na *Google*, registram uma impressionante taxa de 86% de precisão¹³. Em termos práticos, sobre o que ainda está por vir, o livro sugere que, num futuro próximo, o envelhecimento e as doenças humanas serão revertidos, que a imortalidade será uma realidade, que a poluição será interrompida e a fome e a pobreza do mundo serão resolvidas. Não havendo distinção clara entre humanos e máquinas, entre realidade real e realidade virtual, esse futuro traz uma visão dramática e, ao mesmo tempo, desprovida de passado, abrindo os precedentes necessários ao desenrolar catastrófico já anunciado na ficção. Em um mundo sem morte, tudo se torna presente.

Retomando as séries televisivas citadas anteriormente, pode-se afirmar que todas têm em comum certa visão ambígua da ciência, como causa e consequência de todos os males, mas também como única esperança. Seja por meio do descontrole dos humanos sobre as tecnologias desenvolvidas, seja pela incapacidade da inteligência do homem para lidar com os desafios impostos por vírus, doenças e desastres ambientais, a imagem do futuro construída explora o conflito do homem com os frutos de seu próprio saber, com o descontrole da natureza anteriormente dominada e das consciências artificiais por ele criadas.

O mesmo movimento pode ser identificado em remakes de filmes como *Mad Max* (2015)¹⁴, *A Vigilante do Amanhã* (2017)¹⁵ e as sequências de *Planeta dos Macacos* (2017)¹⁶, além de propostas como *O Círculo* (2017)¹⁷, em que as vidas dos indivíduos passam a ser integralmente documentadas por uma companhia de tecnologia que deixa vulneráveis os limites da privacidade. Tais imagens da ciência e da tecnologia culminam, em última instância, numa série de propostas de futuro e previsões de um porvir que parecem coladas à ficção, mas que estão muito próximas de uma experiência de tempo presentista

12 Ver também: https://en.wikipedia.org/wiki/Predictions_made_by_Ray_Kurzweil. Acesso em 9 jun. 2017.

13 *The Dawn of Singularity*. Disponível em: <<https://futurism.com/images/the-dawn-of-the-singularity>>. Acesso em 8 jun. 2017.

14 Mais informações em: <<http://www.imdb.com/title/tt1392190/>>. Acesso em 8 jun. 2017.

15 Mais informações em: <<http://www.imdb.com/title/tt1219827/>>. Acesso em 8 jun. 2017.

16 Mais informações em <<http://www.imdb.com/title/tt3450958>>. Acesso em 8 de jun. 2017.

17 Mais informações em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jTDuHE8usuk>>. Acesso em 8 jun. 2017.

que já vimos experimentando.

Desamarrando o tempo: a via da historicidade

Conforme explicitado até aqui, nas imagens do presente sobre a ciência e a tecnologia, ainda há um forte ideal científico de controle da natureza e do homem como agente do desenvolvimento. Essa ideia, no entanto, se choca com as narrativas ficcionais distópicas construídas sobre o futuro da humanidade, que questionam os ideais de progresso e de desenvolvimento. Esse choque de narrativas e imagens está relacionado ao que se convencionou chamar de presentismo, na medida em parece carecer de uma reflexão mais ampla sobre o próprio tempo e aquilo que nos escapa. Retomando a reflexão de Hartog, o que se pretende com o instrumento dos regimes de historicidade é justamente pensar um novo modo de compreender esse tempo, que “tomou-se a tal ponto habitual para o historiador que ele o naturalizou ou o instrumentalizou. O tempo é impensado, não porque seria impensável, mas porque não o pensamos ou, mais simplesmente, não pensamos nele” (Hartog, 2013, p. 26).

Acreditamos que essa discussão, a partir da historiografia, pode ser bastante útil também para o entendimento das imagens da ciência e da tecnologia. Por isso, como conclusão propositiva, unimos à reflexão de Hartog o pensamento de Paul Ricoeur (1997) e Koselleck (2006, 2014) em uma reivindicação da abertura do passado, que permite expandir o espaço de experiência e propor um horizonte de expectativas mais determinado pela contingência histórica. Koselleck, ao abordar o imaginário da modernidade, identifica três principais *topoi* que compuseram a filosofia das luzes: 1) aceleração de um tempo novo, 2) a crença que esse tempo traz perspectivas positivas de mudanças, e 3) a ideia de uma disponibilidade da História. Ricoeur por sua vez, em sua hermenêutica da consciência histórica, apropria-se dessa discussão para refutar uma ideia romântica de mediação total da história, propondo-a como aberta, inacabada e imperfeita. E o faz, pois, como pudemos perceber nas imagens da ciência e da tecnologia do futurismo ao presentismo, com os próprios *topoi* que definiram a filosofia das luzes declinando e sendo questionados ao longo da própria modernidade.

A ideia de “tempo novo”, por exemplo, se tornou suspeita por vários aspectos, na medida em que pressupõe uma gênese ligada a uma ilusão de origem difícil de ser sustentada pelas discordâncias entre os diversos ritmos temporais que compõem a história e que colocam uma dificuldade ou mesmo uma impossibilidade de descrever uma época como ruptura ou como origem. De maneira similar, “a crença no

progresso” acabou por revelar-se como uma utopia, como se o horizonte de expectativa recuasse mais rápido do que nós pudéssemos avançar. Nesse sentido, como vimos, o próprio Koselleck ressalta que o encolhimento do espaço de experiência, entendido como cada vez mais distante à medida que é mais pretérito, é uma das características mais expressivas da modernidade. O último *topoi*, entretanto, é aquele que Ricoeur julga como sendo o mais problemático, pois critica veementemente a ideia de “fazer história”:

Ao conferir à humanidade o poder de *produzir-se a si mesma*, os autores dessa reivindicação esquecem uma limitação que afeta o destino dos grandes corpos históricos ao menos tanto quanto o dos indivíduos: além dos resultados não desejados que a ação gera, ela mesma só se produz em circunstâncias que ela não produz. (Ricoeur, 1997, p. 363).

Esses três *topoi*, ao longo do século XX, foram sendo questionados de inúmeras formas e, sob o signo do presentismo, o desejo de aceleração e progresso parecem vacilar. De igual forma, a ideia de que a humanidade — como categoria ocidental — é capaz de sozinha controlar a história e, em certo sentido, “fazê-la” também não encontra mais subsídios, tendo em vista sua pouca abertura aos outros projetos de humanidade, à agência da natureza e da tecnologia, e as outras formas de encarar as relações temporais. Por isso, a ideia de progresso que ainda ligava ao passado um futuro melhor controlado pelo homem ocidental tende a ceder lugar à de utopia (ou distopia), a partir do momento em que as esperanças da humanidade perdem qualquer enraizamento na experiência adquirida e são projetadas num futuro propriamente sem precedentes, característico da experiência presentista. Com isso, a tensão entre horizonte de expectativa e espaço de experiência, aponta Ricoeur, torna-se um cisma.

É preciso, então, recuperar o dinamismo dessa tensão para que os projetos de passado e de futuro vivenciados no presente sejam mais dinâmicos e inclusivos. A restituição da dialética entre esses transcendentais meta-históricos traria inúmeras consequências: por um lado, como sustenta Ricoeur, nossas expectativas futuras, balizadas pela interpretação do passado, poderiam abrir esse espaço de experiência considerado findo de possibilidades para rever nele potencialidades abortadas e tentativas reprimidas. Essa abertura para temporalidades múltiplas complexifica o nosso olhar para o passado e desamarra nosso próprio presente.

De outro lado, esse movimento nos libertaria de uma história meramente recebida sobre a qual, como agentes do presente, poderíamos atuar livremente rumo a um futuro desobstruído. Esse potencial de sentido liberto, “pode contribuir para dar carne e sangue àquelas de nossas expectativas

que têm a virtude de determinar no sentido de uma história a fazer a ideia reguladora, mas vazia, de uma comunicação sem entraves ou restrições” (Ricoeur, 1997, p. 388).

O que temos então, nessa proposta, é o imperativo de dinamizarmos o presente, que já não funcionaria somente como uma categoria do “estar”, mas também do agir e do padecer. Tornar o horizonte de expectativa mais próximo e reabrir o espaço de experiência como uma tradição viva corresponde também a uma nova relação com o presente, capaz de transformá-lo como um polo de tensões, disputas, realizações e irrealizações. Assim, trata-se menos de recuperar as “cascatas da modernidade”, mas de perceber, nesse lago, diferentes afluentes, profundidades, canais subterrâneos não conectados que nos permitam imagens de um presente, de um passado e de um futuro mais inclusivas e dinâmicas.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia errante: derrames líricos, e outros nem tanto, ou nada*. 4a ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. *Breve história da ciência moderna, volume 1: convergência de saberes*. 4a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Breve história da ciência moderna: das máquinas do mundo ao universo-máquina*. Volume 2, 3a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: ed. PUC-Rio, 2006.

_____. *Estratos do tempo*. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: ed. PUC-Rio, 2014.

KURZWEIL, Ray. *The Age of Intelligent Machines*. Cambridge: MIT Press, 1990.

_____. *The Age of Spiritual Machines: when computers exceed human intelligence*. New York: Penguin, 1999.

_____. *The singularity is near: when humans transcend biology*. New York: Penguin, 2005.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

NABAIS, João-Maria. Rembrandt: o quadro A lição de anatomia do Dr. Tulp e sua busca incessante pelo auto-conhecimento. In: *Ciências e Técnicas do Patrimônio, Revista da Faculdade de Letras*. Porto: I Série, Volume VII-VIII, pp. 279-296, 2008-2009. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9417.pdf>>. Acesso em 9 jun. 2017.

RIBEIRO, Lavina Madeira. A ciência no imaginário midiático. In: CASTRO, Gustavo (org.) *Mídia e imaginário*. São Paulo: Annablume, 2012.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa. O tempo narrado - Tomo III*. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. *Tempo e narrativa. O tempo narrado - Tomo III*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Jornais consultados:

O Paiz. Edição de 10 de maio 1909; Edição de 29 de setembro de 1909.

Jornal do Recife. Edição de 25 de novembro 1909.

Folha de S. Paulo. Edição de 31 de dezembro de 1974.